**Recensão de *A FABULOSA GALINHA DE ANGOLA*, de Luísa Fresta**

**Farid ud-Din Attar,** poeta persa do séc. XII, escreveu “A Linguagem dos Pássaros”, um longo poema místico. Neste texto poético, os pássaros da Terra, sem rei, reúnem-se para decidirem como encontrar um monarca. E partem em voo sugerido pela poupa que, entre eles, simboliza a sabedoria. Durante a viagem de busca, os pássaros terão de sobrevoar sete vales correspondentes às estações necessárias a um ser humano para apreender a verdadeira natureza divina: ânsia, amor, gnose, desapego, unidade de Deus, perplexidade e, finalmente, abnegação e extinção. Só trinta daqueles pássaros peregrinos conseguem chegar ao território habitado por Simorgh, um pássaro mítico da Pérsia que simbolizará Deus. Ali chegadas, as trinta aves admitem que elas próprias encarnam o rei que tanto buscavam, tornando-se conscientes de que a natureza divina não será uma noção exterior ao universo, mas integra, antes, a existência, por inteiro, habitando-as na sua transcendência. Entretanto, os pássaros que foram desistindo da jornada, personificarão os erros, as falhas, os pecados humanos, no caminho em demanda da Luz.

Pode, entretanto, colocar-se a questão: o que terá o poema de Farid ud-din Attar que ver com o livro *A Fabulosa Galinha de Angola*, de Luísa Fresta?!

Pois bem, em comum, terão, na base, perfil pedagógico-didáctico, pássaros como protagonistas, reunião com debate, viagem purificadora ou de reconhecimento e a busca de vias para o Bem comunitário e universal, para a construção de um caminho de esperança que ilumine os diversos aspectos da existência, numa espécie de ponte para o sagrado na Terra. O que haverá de mais sagrado do que a vida em consonância com as leis do Universo? E uma vez que a Natureza funciona em rede, esta busca de um caminho de gnose, de esperança e de salvação, no livro *A Fabulosa Galinha de Angola*, derivando de uma espécie, em particular, a das aves, dotadas de capacidade para o voo e, por isso, para um alcance mais rápido e longínquo, já que os pássaros, como escreveu Victor Hugo, “*ao pousarem um instante sobre ramos muito leves, sentem-nos ceder, mas cantam! Eles sabem que possuem asas*”, esta busca, pois, partindo de uma só espécie e de um espaço delimitado, na cidade costeira de Benguela, em Angola, irá reflectir-se, abrangentemente, no fim, no Bem de todas as espécies, neste caso, em espaços africanos de língua oficial portuguesa, em primeira mão, depois no espaço global do continente africano e, em última análise, em todo o planeta Terra, antes que “o planeta azul se transforme em cinza global”, como alguém alertou.

Como se, à imagem da espécie humana que terá conhecido sua origem em África, também daqui procedesse o núcleo que há de abrir portas ao desenvolvimento de uma nova consciência ecológica, da vida em comunidade e da convivência harmoniosa, nos seres das diferentes espécies, entre si, e com o Homem, causador primeiro de todos os males, mas, simultaneamente, e cumprindo talvez o lema da sua criação “à imagem e semelhança da natureza divina”, tendo, pretensamente, em suas mãos, o poder do Bem e do Mal, também ele o sujeito capaz de remediar os erros cometidos por desrespeito arrogante, por ganância, por soberba, e, muito, por ignorância. Será, pois, o Homem, o único a poder salvar, reinventar, a poder preservar o planeta, recuperando os tecidos destruídos, pela aplicação de medidas resultantes da investigação científica, por tomadas de posição que conduzam à reconversão do pensamento, com programas inclusivos de formação – veja-se o exemplo de muitos caçadores furtivos que se transformam em protectores das espécies, que costumavam caçar, e se entregam a projectos de conservação das mesmas.

Como qualquer fábula, que permite exploração versátil dos assuntos, este texto de Luísa Fresta, lido e trabalhado, principalmente, nas escolas de ensino básico, nos diferentes níveis de escolaridade, tornar-se-á, sem dúvida, em mais um instrumento valioso para o exercício da interculturalidade e para a transformação urgente de mentalidades conservadoras, até algo reaccionárias, face às ameaças que espreitam o nosso planeta, em cada esquina, visto que o comportamento de cada pessoa, nos próximos dez anos, será fundamental para sentenciar o futuro da Terra, segundo um estudo recente levado a cabo por mais de 200 cientistas de 52 países.

A exemplo da sueca Greta Thunberg, jovem activista ambiental e dos direitos dos animais, que tem empolgado o mundo com suas tomadas de posição surpreendentemente esclarecidas e corajosas, assistiremos a um processo pedagógico “ao contrário” – serão as crianças e os jovens, os mais novos, a erguerem sua voz informada, atenta, em sentido de alerta e de exigência, apelando às famílias, aos mais velhos, nomeadamente, aos decisores económicos, políticos e sociais, por medidas e procedimentos que atenuem a gravidade dos principais riscos para o futuro da humanidade, identificados pelos cientistas, como sendo a perda da biodiversidade, o colapso dos ecossistemas, as crises alimentares e da água, os eventos climáticos extremos e a falha na adaptação às alterações climáticas.

Em *A Fabulosa Galinha de Angola*, livro que pode ser visto como uma aula ou conferência sobre a relação duvidosa entre o Homem e os outros seres e as calamidades que daí advêm, para o nosso planeta, os pássaros representarão um grito lúcido e desesperado pela Liberdade do reino animal, confinado à prisão, em distintas geografias, devido às profundas alterações climáticas, à destruição de habitats, à extinção deliberada por caça ou pesca intensivas e à abusiva invasão e destruição das florestas para o lucro com a venda de madeira, ou mesmo, à requalificação dos espaços verdes para a criação intensiva de gado ou para fixar certas culturas agrícolas invasoras. O texto surge-me como bisturi afiado que vai cortando os tecidos gastos, podres, malignos e define regras para comportamento colectivo, sem atropelos, no respeito pelo Outro.

A galinha de Angola, ou seja, a galinha do mato, nome pelo qual sempre conheci esta ave sarapintada, na minha infância e juventude de savanas angolanas, é, neste livro, a diplomata de serviço entre seus pares de Angola, do Congo, Namibe, Botswana, da África do Sul, do Senegal, Brasil, da Índia, num congresso anual, em Benguela, onde serão discutidas as questões mais prementes e angustiantes para a espécie das aves. À primeira vista, a diplomacia parece enorme feito para uma ave que tem geralmente um comportamento nervoso, agitado, em modo de desconfiança continuada. Mas, na verdade, não sendo bicho de vida solitária, tem de haver sempre algum dotado de capacidade para aprender regras e assumir liderança inquestionável na organização do seu grupo. Citando a embaixadora *Pavão-Branco* (p.28) – “*a ave nasce e o pássaro faz-se*”. Releva-se sobremaneira em todo o livro o papel do conhecimento, da educação, do diálogo na construção transformadora de sociedades e da cultura, mensagens colhidas do desempenho das personagens aladas como a cotovia, o melro da rocha, o andorinhão-de-bradfield, o peito celeste, o calau-de-monteiro, o pardal de sobrancelhas, o flamingo cor-de-rosa, as perdizes, da montanha e de estrias cinzentas, a pomba-do-cabo, os papagaios, do congo e agapornis, os pavões de diferentes cores, os pelicanos, o beija-flor e, em evidência especial, o rabo de junco ou siripipi de benguela, todos criativamente caracterizados, desde a cor das penas, ao tipo de alimentação, à situação familiar, às suas origens e disseminação geográfica, todos preocupadíssimos com seus irmãos emplumados, alguns em situação periclitante, nomeadamente, nos arquipélagos de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe, dos Bijagós, na Guiné-Bissau, ou no Parque da Gorongosa, em Moçambique, no Mar Vermelho.

A *Fabulosa Galinha de Angola* não é pássaro de voo alto, não. Mas assume: “*Quando quero voar mais alto agarro-me às asas do sonho*” (p.10). E o que será a escrita literária e o exercício da leitura, sobretudo de textos efabulados, senão “agarrar-se fortemente às asas do sonho”? Pois não é o “sonho que comanda a vida”, como escreveu António Gedeão, no poema “Pedra Filosofal”? A trama da fábula faculta e abre-nos asas que aqui nos elevam nas das aves, em direcção a novo horizonte ou mesmo ao coração, ao centro de um mundo ideal onde o equilíbrio será tangível, entre o Homem e todos os seres vivos e inanimados.

Assim nos aparece fabulosa a *Galinha de Angola*, porque surpreendentemente heroína de uma fábula, vendo-se rainha, mesmo que em sonhos, pois “*Queria reinar, para unir as suas irmãs do continente, de modo a que todas se sentissem representadas na sua figura*” (p.8), em modo de diálogo franco e sólida cooperação. Fazendo girar em seu torno, assunto, personagens, espaço, tempo, ela é a figura central de um congresso de pássaros que, como em qualquer fábula, adoptam postura humana, em todos os matizes do seu comportamento. No quadro da moral de *A Fabulosa Galinha de Angola*, quer chamar-se a atenção para problemáticas sociais altamente discriminatórias, prioritárias no continente africano, como o albinismo – os albinos são perseguidos e até mortos, em diferentes regiões de África; para o cumprimento de obrigações parentais, e entre outras, para atitudes de machismo, de infidelidade e poligamia masculina, portanto, para a questão de género. Pretende-se alertar também para assuntos, tragicamente, tão actuais, no mundo, como o preconceito, a intolerância, a xenofobia, o racismo, a destruição da natureza, a violação grave dos direitos humanos e dos animais, em geral.

Sabendo-se que nada é somente a preto e branco, assistindo-se praticamente a uma passagem de modelos, na vestimenta dos pássaros, em que imperam os tecidos africanos, de padrões marcados e cores vistosas, tipo capulana, alargando também o vocabulário relacionado com o vestuário, esta é uma história sobre valores fundamentais, nos diferentes tons que devem reger a humanidade e contra todo o tipo de preconceito e de discriminação, louvando, por exemplo, o amor entre diferentes ou sem restrição das classes sociais. Nada como o conhecimento contra a ignorância para limpar o preconceito das sociedades – neste sentido, após a conclusão dos trabalhos do Congresso na Baía Azul, em Benguela, assiste-se, na fábula, ao *Festival Móvel do Preto ao Branco*, através dos voos dos pássaros, em reconhecimento das diferentes situações dos seus congéneres, pela África onde se fala português e por outros recantos do continente, terminando o Festival no Ilhéu dos Pássaros, entre Mussulo e Luanda, lugar de mangais edénico para a passarada, lugar prodigioso de minhas lembranças em vida de rememoração da infância e da juventude.

Quando vemos um filme, lemos um livro, ou assistimos a um desempenho teatral, esperamos encontrar uma história envolvente e actores ou personagens que nos arrebatem, pela sua interpretação e caracterização. É o que nos oferece cada texto de Luísa Fresta, ao mesmo tempo, engenheira, arquitecta e operária-pedreira – ela concebe o plano da obra e o projecto que depois edifica, magistralmente, a partir da matéria em bruto, a palavra, que termina em obra de arte, seja em prosa ou em verso, seja qual for o género literário que abraça e, para tal, segue, rigorosamente, um guião bem delineado. A sua versatilidade assombrosa apoia-se num minucioso trabalho de investigação sobre os assuntos abordados nos textos, sem perder o fio cativante de uma certa espontaneidade e leveza poética ou narrativa. Seus textos são templos percorridos por uma energia avassaladora que constrói unidade na diversidade, temática ou linguística.

Este livro infantojuvenil, de Luísa Fresta, apela ao manuseamento do objecto, logo ao primeiro toque e olhar, pela capa tão sugestiva e pelas ilustrações belíssimas que, adornando o miolo do livro, contribuem para a compreensão de seu conteúdo temático e para a formação visual dos pequenos leitores e da sua descoberta do valor estético da linguagem das imagens, proporcionando prazer, espicaçando a imaginação e a fantasia criativa e criadora, transformadora, afinal!

*A Fabulosa Galinha de Angola*, com cenas enquadradas por dinâmica de grupos e movimentação constante de palavra e locomoção ou “bater de asas”, é também mais um exemplo brilhante de equilíbrio perfeito entre os diferentes momentos do texto – do narrativo, ao descritivo, ao diálogo, sempre com peso e medida, numa organização geométrica do discurso onde não falta epílogo elucidativo.

Apesar de a obra conter abundante informação, esta pode ser facilmente sistematizada em diversas possíveis zonas de abordagem, quer em termos de análise textual quer em termos do estudo da gramática da língua. A adjectivação é rica e acompanham-na, em grau igual, metáforas, comparações, imagens alegóricas. Apelando ao aspecto lúdico na pedagogia e na didáctica, o texto alberga jogos de sentidos “camuflados” e jogos com as palavras – “*apenas duas letras distinguem uma galinha de uma rainha* (p.8); “*A nossa vida está por um fio, quer dizer, por um pio*” (p.16). A riqueza vocabular, apontando para variantes do português falado nos diferentes países de língua oficial portuguesa, por ex., no Brasil, em Angola, contribui para o alargamento do horizonte da fala, da comunicação, do pensamento.

Luísa Fresta, mulher de corpo inteiro, atenta e solidária, é cidadã exemplar, de uma sobriedade e discrição que só abonam em seu favor, humanamente e como fazedora de literatura. Escritora multifacetada, experimenta também, com resultados ímpares, a pintura e a fotografia, outras linguagens para contar histórias ou rotear o mundo das emoções. Seus textos propiciam ao leitor porta aberta para um palco ali bem próximo, em que visualizamos significados, como se as personagens nos alimentassem anseios, fantasias, convicções, pensamentos, sonhos, e nos interpelassem, numa concepção dramatúrgica da autora, assente em dinâmica de movimento, cor, ritmo, som, em que a linguagem alegórica das imagens, da fotografia, da pintura, dá corpo à linguagem das palavras.

*A Fabulosa Galinha de Angola*, do mesmo jeito que outras obras de Luísa Fresta, é uma história garrida, veste-se de ironia fina, humor inteligente, diálogos vivos e enquadrados num contexto semelhante ao dos ensinamentos que a tradição oral africana nos transmite num terreiro entre a savana e o deserto, as florestas e a cidade.

Regina Correia

22 de Fevereiro de 2020